

As dificuldades da escolarização de estudantes com deficiência em ambiente hospitalar

The difficulties of schooling of students with disabilities in a hospital environment

Larissa Silva Pereira

Claretiano, Brasil

E-mail: l_ah23@hotmail.com

Renata Andrea Fernandes Fantacini

Claretiano, Brasil

E-mail: renatafantacini@claretiano.edu.br

Recebido: 20/12/2017 – Aceito: 14/01/2018

Resumo

As dificuldades da escolarização de estudantes com deficiência em ambiente hospitalar é um assunto muito importante e que ainda necessita ser estudado, pois o número de alunos da PAEE (público alvo da educação especial) tem aumentado nas escolas e no ambiente hospitalar, gerando dificuldades na atuação do profissional. Sendo assim, este artigo tem por objetivo investigar a história da educação especial e hospitalar e identificar os desafios da escolarização de estudantes com deficiência no ambiente hospitalar, expondo também maneiras de superar esses desafios. Dessa forma realizou-se uma pesquisa bibliográfica a partir de livros eletrônicos, documentos oficiais e artigos científicos acessíveis em sites e base de dados confiáveis, para ampliar conhecimentos e fornecer informações que auxiliem o profissional a trabalhar da melhor forma possível. Por ora são ressaltados os caminhos percorridos pela educação especial e hospitalar, os desafios que enfrentam e como supera-los, que poderão colaborar futuramente para a melhor atuação de profissionais da área. Conclui-se provisoriamente que a inclusão tanto no ambiente escolar quanto no hospitalar ainda necessita de pesquisas, pois é um tema considerado atual que causa insegurança em relação a como agir, perante a falta de formação profissional necessária.

Palavras-chave: Escolarização; Deficiência; Hospitalar; Profissional.

Abstract

The difficulties of the schooling of students with disabilities in a hospital environment is a very important issue and it still needs to be studied, since the number of PAEE students (target public of special education) has increased in schools and in the hospital environment, generating difficulties in the performance of the professional. Thus, this article aims to investigate the history of special education and hospital and to identify the challenges of schooling of students with disabilities in the hospital environment, also exposing ways to overcome these challenges. In this way a bibliographic research was carried out from electronic books, official documents and scientific articles accessible in reliable websites and databases, to increase knowledge and provide information that helps the professional to work

in the best possible way. For now, the paths covered by special education and hospital, the challenges they face and how to overcome them are highlighted, which may contribute in the future to the best performance of professionals in the area. It is provisionally concluded that inclusion in both the school and the hospital environment still requires research, since it is a current issue that causes insecurity in relation to how to act, given the lack of necessary professional training.

Keywords: Schooling; Deficienc; Hospitalar; Professional.

1. Introdução

A Pedagogia Hospitalar e a educação especial percorreram longos caminhos até chegar aos dias atuais e ambas são muito importantes para garantir o direito básico de toda criança e adolescente que é o direito a educação em toda circunstância.

Porém atualmente houve um aumento de alunos da PAEE (público alvo da educação especial) em todos os ambientes educacionais, incluindo o hospital. Diante disso as dificuldades da escolarização de estudantes com deficiência surgem inclusive no ambiente hospitalar, tornando esse tema muito relevante, pois para acompanhar esse crescimento o profissional deve estar preparado para atuar da melhor maneira possível, o que às vezes acaba não acontecendo devido a algumas dificuldades encontradas.

Perante isso será investigada a história da educação especial e hospitalar e identificando os desafios da escolarização de estudantes com deficiência no ambiente hospitalar, expondo também maneiras de superar esses desafios e assim garantir uma boa atuação profissional.

Neste contexto, o artigo será fundamentado teoricamente através de pesquisa bibliográfica em documentos, artigos e livros de autores e pesquisadores conceituados na área de educação hospitalar e especial que abordam o tema: Educação Especial no ambiente hospitalar datados em no máximo 10 anos de publicação, sendo abordados através dos seguintes tópicos: História da Pedagogia Hospitalar, História da educação especial; Desafios da educação especial no ambiente hospitalar e Superando os desafios.

X. Metodologia

A metodologia científica utilizada nesse artigo será a pesquisa bibliográfica (revisão de literatura) por meio de livros eletrônicos, documentos oficiais relacionados ao tema e artigos científicos acessíveis em sites e base de dados confiáveis.

História da Pedagogia Hospitalar

A hospitalização é uma realidade que muitas crianças enfrentam e a Pedagogia Hospitalar é uma área que visa o atendimento educacional para aquelas crianças que por seu adoecimento não podem frequentar a escola regular.

Antigamente qualquer indivíduo que recebia tratamento em hospitais era marginalizado pelo restante da sociedade, pois na época os ricos se tratavam em casa e a classe mais pobre era hospitalizada. Essa ideia vem se reformando ao longo do tempo, de acordo com Oliveira; Silvestro (2015) foi por volta do século XI que na Inglaterra foi implantado um hospital para combater a lepra, devidamente especializado, mudando essa concepção. Já o primeiro médico infantil, que pode ser considerado o precursor da pediatria infantil foi Abrahan Jacob, sendo em 1920 o início da preocupação com a saúde infantil sem considerar sua escolarização. A partir disso o hospital passou a ser considerado um local para atendimento e cuidados a saúde, mas ainda no que diz respeito as crianças era apenas voltado para sua higiene e não para uma ação humanizada. Sendo apenas na década de 90 o surgimento de ações públicas referentes a essa questão.

Atualmente é direito da criança e do adolescente hospitalizado receber educação, porém não foi sempre assim, ao contrário eram marginalizados, pois eram considerados incapazes de progredir em seu estudo, recebendo exclusão social por estarem doentes e por não terem acesso à educação. (PAULA, 2010).

Essa situação começou a mudar em 1935 por Henrie Sellier que inaugurou a primeira escola para essas crianças, tendo seu exemplo seguido por toda a Europa com o objetivo de ajudar as crianças tuberculosas da época. Todavia o movimento se firmou após a segunda guerra mundial devido a grande quantidade de crianças mutiladas. Logo em seguida em 1939 é inaugurado um local para a formação de professores nessa área que foi denominado como: Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas de Suresnes, sendo também nesse ano criado na França o cargo de professor hospitalar.

No Brasil em 1950 foi implantado o atendimento educacional hospitalar no Rio de Janeiro através do Hospital Bom Jesus, mas ainda era uma modalidade pouco difundida, algum tempo depois que outros estados como São Paulo e Paraná implantaram esse atendimento. No entanto é a partir de outubro de 1995, através do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, Resolução nº 41 que esse atendimento passou a ser considerado um direito. Sendo afirmada pela Constituição Federal de 1988 a educação como um direito de todos.

Em sequência foram elaboradas outras leis para melhorar cada vez mais o atendimento educacional a criança hospitalizada, melhorando esse atendimento até chegar aos dias atuais.

História da Educação Especial

A educação especial nos dias atuais evoluiu em muitos aspectos, mas para chegar na realidade percorreu um caminho longo e difícil. De acordo com Miranda (2008, p. 30):

Na Antiguidade, os deficientes eram abandonados, perseguidos e eliminados devido às suas condições atípicas. Na Idade Média, o tratamento variava segundo as concepções de caridade ou castigo predominantes na comunidade em que o deficiente estava inserido, o que era uma forma de exclusão.

Na Idade Moderna apesar de surgir alguma preocupação com essa educação ainda estava longe do ideal, pois as pessoas com deficiência ainda eram marginalizadas, sendo por volta do século XX que isso começou a mudar, surgindo escolas e classes especiais para esse tipo de aluno com o intuito de oferecer uma educação próxima as pessoas sem deficiência.

Já no Brasil as primeiras conquistas foram em 1854 e 1857 com a criação do Instituto dos meninos cegos e do Instituto dos surdos-mudos, mesmo assim ainda eram poucos os atendidos.

Apenas muito tempo depois em 1929 com a chegada da psicóloga Helena Antipoff que as coisas começaram a mudar, pois fundou em Minas Gerais uma escola para atender deficientes e contribuiu para a formação de professores nessa área. Deste modo, foi propiciado às crianças sem lesões graves, mas com dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, como hiperatividade, dispersão, problemas emocionais, dentre outros, a possibilidade de frequentar a escola. (MIRANDA, 2008).

Entre 1930 e 1940 aconteceram várias discussões e mudanças com relação a educação especial porém foi a partir de 1950 que houve uma expansão dos estabelecimento que ofereciam esse atendimento. De acordo com Mazzotta (1996, *apud* MIRANDA, 2008, p. 34):

A primeira campanha foi feita em 1957 voltada para os deficientes auditivos – “Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro”. Esta campanha tinha por objetivo promover medidas necessárias para a educação e assistência dos surdos, em todo o Brasil. Em seguida, é criada a “Campanha Nacional de Educação e Reabilitação do Deficiente da Visão”, em 1958. Em 1960, foi criada a “Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais” (CADEME). A CADEME tinha por finalidade promover, em todo território Nacional, a “educação, treinamento, reabilitação e assistência educacional das crianças retardadas e outros deficientes mentais de qualquer idade ou sexo” .

Nesse mesmo ano foi registrado o maior numero de escolas fornecedoras do ensino especial, o que vem aumentando ao gradativamente.

Posteriormente em 1980 surgiram com maior ênfase alguns movimento em prol da integração social, lutando também pelos direitos dos deficientes. Mas assim como na historia da pedagogia hospitalar a Constituição Federal de 1988 foi decisiva, pois firmou o direito de pessoas com necessidades educacionais especiais a terem acesso a educação.

A busca pela valorização das diferenças por meio de ações em prol da construção de uma escola capaz de trabalhar com a diversidade teve seu inicio no Brasil n década de 1990, após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e, mais efetivamente, depois da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN (BRASIL, 1996, *apud* BERGAMO, 2012, p. 38).

Com relação ao acesso ao ensino regular foi em 2004 através de um artigo publicado pelo Ministério Público Federal com o intuito de reformular esse direito e reafirmando o benefício da interação entre os alunos com e sem deficiência. A partir disso as legislações que amparam esses educando foram aumentando até chegar ao Decreto nº7612/2011 que fundou o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

Apesar de todo esse avanço ainda existem algumas dificuldades em relação a esse tema juntamente com a pedagogia hospitalar que ainda necessitam ser superados.

Desafios da educação especial no ambiente hospitalar

A educação hospitalar no Brasil vem sendo construída de maneira gradativa e assim como na escola regular a diversidade dos alunos vem aumentando, fazendo com que os

desafios para a educação desses educandos aumentem também. “Frente a isso vem se ressaltando discussões sobre o assunto para encontrar soluções, porém as discussões então centralizadas na questão da formação de professores. (PLETSCH, 2009)”.

O pedagogo hospitalar possui a mesma formação acadêmica do educador, mas o que deveria ocorrer é uma formação mais específica, pois o ambiente necessita de habilidades diferenciadas, sendo que a realidade do hospital é diferente da sala de aula. Os alunos lidam com o medo e com a frustração de estarem impossibilitados sem saber como será o próximo dia, ainda mais quando se tratam de alunos da PAEE (público alvo da educação especial), visto que já se sentem excluídos por sua condição, ainda afastados da escola pensam que são incapazes.

O ambiente hospitalar para a o jovem e a criança muitas vezes se torna assustador, pois, afasta-os do meio ao qual estão acostumados, e começam a conviver com pessoas que para eles são totalmente estranhas, em um entra e sai do seu quarto, ora são os enfermeiros para ministrar a medicação, ora são os médicos com suas visitas rotineiras, depois mais enfermeiros que acompanham o quadro seu clínico, além do acompanhante de outros pacientes que dividem o mesmo quarto, perdendo assim totalmente sua privacidade. Muitos desses jovens e crianças não entendem o processo pelo qual estão passando, sofrem pela doença existente em seu corpo físico, por estarem longe do ambiente familiar, dos seus amigos, da escola e de seu ambiente social, sentem-se como excluídos, levando-os a uma baixa estima dificultando no seu tratamento, onde tal situação acaba comprometendo, ainda, seu psíquico emocional. (LIMA; PALEOLOGO, 2012, p. 3).

Diante disso constata-se maior necessidade de capacitação adequada, pois a responsabilidade do pedagogo é muito grande, sendo sua interferência fundamental, mas dependendo pode até prejudicar aumentando ainda mais o trauma do educando. É necessário estabelecer bom vínculo com seu paciente/educando e oferecer mais do que conteúdos, uma escuta que vai além da formalidade, mas sim que auxilie e levante sua autoestima. Essa escuta denomina-se escuta pedagógica e acontece de maneira diferenciada das demais oferecidas pelo hospital, pois proporciona um equilíbrio entre as informações que os educandos e seus familiares já trazem consigo e aquelas oferecidas pelos médicos, trazendo motivação através de atividades lúdicas, diminuindo seu sofrimento nem que seja por poucos instantes. Por isso a formação desse profissional deve ser mais flexível, pois esta exige uma atuação que proporcione o desenvolvimento integral do educando dando continuidade ao processo educativo.

No Brasil, a formação de professores e demais agentes educacionais ligados à educação segue ainda um modelo tradicional, inadequado para suprir as reivindicações em favor da educação inclusiva. Vale destacar que, dentre os cursos de Pedagogia e de Pedagogia com habilitação em Educação Especial, poucos são

aqueles que oferecem disciplinas ou conteúdos voltados para a educação de pessoas com necessidades especiais. (PLETSCH, 2009, p. 150).

Dessa forma, percebe-se a necessidade de uma qualificação mais específica do pedagogo para que ele desenvolva sua prática em atuar na classe hospitalar, tendo em vista, que esse ambiente é totalmente diferenciado do espaço da escola regular (LIMA; PALEOLOGO, 2012, p. 11).

Justamente por ser diferenciado os pacientes tem dificuldades em se sentir a vontade e vê-lo como ambiente positivo e de alegria, cabe portanto ao profissional oferecer momento lúdicos que resgatem as boas lembranças e sua infância que muito pensam estar perdidas.

O hospital não pode ser compreendido pela criança ou pelo adolescente enfermo como um ambiente apenas de dor e sofrimento. Nele sempre é preciso encontrar um espaço que possa ser aproveitado para o desenvolvimento de atividades lúdicas, pedagógicas e recreacionais, pois a internação não deve interromper o desenvolvimento infantil. (HOLANDA; COLLET, 2010, p. 383).

Diante disso compreende-se que a formação acadêmica ainda não é a ideal para os profissionais da área, pois é necessário conhecer os vários tipos de doença e deficiência, saber avaliar de maneira clínica, oferecer ajuda afetiva e ainda ter noções médicas, o que não acontece.

Observa-se que a falta de um treinamento mais consistente que prepara esses professores para o ingresso na realidade hospitalar - esclarecendo suas rotinas, dinâmicas de funcionamentos e especificidades dos quadros de adoecimento das crianças – é um fator que concorre negativamente para a permanência ou desempenho satisfatório desses professores. (BARROS, 2007 *apud* SILVA, 2013, p. 27731).

Como já foi ressaltado na maioria dos casos esse treinamento é incompleto, pois deveria contemplar independente do nível de ensino a educação para as diferenças, necessitando também de formação específica o que muitos não possuem.

Para Sobrinho; Naujorks (2001, *apud* PLETSCH, 2009, p. 148), “[...] faz-se necessário elaborar políticas públicas educacionais voltadas para práticas mais inclusivas, adequar a formação de professores às novas exigências educacionais e definir um perfil profissional do professor [...]”. Porém as dificuldades vão além dessa problemática.

Apesar de esse atendimento educacional no ambiente hospitalar ser garantido por lei, a pedagogia hospitalar ainda é uma modalidade pouco difundida, dificultando ações que auxiliem e amparem quem necessita desse atendimento e também a formação de professores nessa área. Para Paula (2010, p. 7):

Embora esteja previsto por lei que as crianças tenham acompanhamento pedagógico no hospital e que existam professores para realizá-lo, os hospitais, de modo geral, quer sejam públicos ou privados, têm feito muito pouco para possibilitarem à criança hospitalizada dar continuidade aos seus estudos; salvo raras exceções que têm se preocupado em atender as necessidades biopsicossociais dessa população. Também os órgãos públicos, os educadores e a sociedade em geral, pouco reconhecem esses espaços educativos como uma modalidade oficial de ensino em nosso país, pois são raras as Secretarias de Educação que implantam essas práticas educativas nos hospitais, garantindo-lhes apoio e assistência.

Outra questão é que muitas vezes o próprio profissional age de maneira incorreta perante seu educando, tratando com descrença a capacidade dos indivíduos que possuem necessidades especiais, menosprezando sua capacidade de agir com autonomia e se desenvolver de maneira independente, isso acontece por criarem resistência ao se depararem com esse desafio.

Conforme Miranda (2008, p.42): “Tal resistência surge em decorrência da não-problematização do assunto, tendo em vista que raramente estes alunos são contemplados nos momentos de formação inicial e/ou continuada, o que conduz a formas inadequadas e desentendimento”.

Outra questão é a condição do hospital em oferecer local e materiais adequados para esse trabalho e de políticas públicas que amparem os hospitais, pois apesar de ser uma modalidade em crescimento e existir leis para ampara-la ainda há muito que ser feito.

[...] É preciso compreender que mudanças na educação para atender ao paradigma vigente de inclusão educacional dependem de diversos fatores, como, por exemplo, o contexto social, econômico e cultural em que se insere a escola, as concepções e representações sociais relativas à deficiência e, por fim, os recursos materiais e os financiamentos disponíveis à escola [...] (MENDES, 2002 *apud*, PLETSCH, p. 145).

Referências

BARROS, Alessandra Santana Soares; GUEUDEVILLE, Rosane Santos e VIEIRA, Sônia Chagas. Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar. *Rev. Bras. Educ. Espec.* [online]. 2011, vol. 17, n.2, pp.335-354. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000200011>.

BERGAMO, Regiane Bannzatto. Educação especial pesquisa e prática. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 1994.

ESTEVES, C. R. Pedagogia Hospitalar: um breve histórico. Secretaria do Ministério da Educação de Salvador.

FARIA, Marcela Batista. A escuta pedagógica e a criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Interdisciplinar: *Revista Eletrônica da Univar*, n. 9, v. 3, p. 41-46, 2013. Disponível em: <http://www.univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/56>. Acesso em: 2 mar. 2017.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Experiências étnico-culturais para a formação de professores. 3. ed; 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

HOLANDA, Eliane Rolim. and COLLET, Neusa. As dificuldades da escolarização da criança com doença crônica no contexto hospitalar. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2011, vol.45, n.2, pp.381-389. ISSN 0080-6234. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000200012>.

LEAL, GC; MOREIRA EQ; CONTRERAS HSH. Humanizar as relações entre educação e saúde? Por uma pedagogia para hospitalidade. In II CONGRESSO DE HUMANIZAÇÃO, 2., 2011. Curitiba. Anais... Curitiba: Faculdade Padre João Bagozzi, 2011, p. 7.

LIMA, Cristina Cavallari Ferreira; PALEOLOGO, Silvana de Oliveira Araújo. Pedagogia hospitalar: A importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças. Rev. Fac. Eça. Queir. [online]. 2012, vol. 1, n.1, pp.1-27. ISSN 1111-1122 http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. Educação Especial no Brasil: Desenvolvimento histórico. *Cadernos de História da Educação* – n. 7 – jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/1880>. Acesso em: 09 ago. 2017.

OLIVEIRA, Ana Maria de. and SILVESTRO, Viviane Salete. O impacto emocional sofrido pelo escolar em processo de hospitalização: *Revista Akropolis Umuarama*, v. 23, n. 2, p. 15-27, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/5589>. Acesso em: 15 out. 2017

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas. In III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3., 2010, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES), 2010, p. 2-7.

PLETSCH, Márcia Denise. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. *Educ. rev.* [online]. 2009, n.33, pp.143-156. ISSN 0104-4060. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602009000100010>.

SALDANHA, Gilda Maria Maia Martins and SIMOES, Regina Rovigati. Educação escolar hospitalar: o que mostram as pesquisas?. *Rev. bras. educ. espec.*[online]. 2013, vol.19, n.3, pp.447-464. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000300010>.